

SIMÕES, Andrei. *Luz, o deus do horror*. Belém: Tweet, 2016.

Por **Hailton Felipe GUIOMARINO**¹

Estamos acostumados a associar o horror com monstros abomináveis, situações catastróficas ou com o sobrenatural, como se apenas o extraordinário pudesse causar esse nefasto sentimento. Esta é uma crença equivocada, porém confortável, porque afasta de nós, pessoas simples, comuns, trabalhadores de bem, a responsabilidade pelo sofrimento humano. Na contramão dessa ilusão voluntária, Andrei Simões, em seu mais novo livro, “*Luz, o deus do horror*”, vem nos lembrar da crua verdade que fazemos questão de esquecer: o horror, e tudo o que ele implica – dor, medo, trauma, pânico, sofrimento etc. – é tão cotidianamente humano que chegamos a propagá-lo no suor do trabalho diário, na indiferença social, na omissão, no mesquinho prazer do consumo ou na fantasia de um além-mundo. No entanto, “confortável no mais caro sapato, quem se prestaria a olhar o chão de corpos esfomeados que pavimentam o mundo?” (SIMÕES, 2016, p. 216). E, assim, o autor prepara o choque que encontraremos ao longo do livro: o horror não é excepcional, ao contrário, é tão banal quanto o ser humano. Como entender as implicações desse vaticínio existencial?

Estruturalmente, *Luz* é um romance seriado, com capítulos independentes, porém interligados numa unidade filosófica e assombrosa. Cada conto narra uma parcela de nosso atual vazio existencial ao mesmo tempo em que constrói uma única e maior narrativa, cujo clímax simbolicamente representa a história da humanidade, o controle através do medo, isto é, a submissão de muitos àqueles poucos que se aproveitam do medo e da ignorância da maioria. Este potencial reflexivo do livro é construído por meio do estilo minimalista, com uma linguagem simples e direta. Por isso, o livro não tem grandes rodeios literários, nem abusa de adjetivações. Porém, se a obra não ganha pelo estilo poético, com certeza tem o mérito de reunir profundas reflexões filosóficas sobre as indesejadas dimensões da existência humana: a dor e o medo.

¹ Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Dor e medo são os mais fortes elementos evolucionários que nos fizeram sobreviver e instaurar nossa supremacia sobre os outros seres vivos. Paradoxalmente, dor e medo são duas sensações com as quais não sabemos lidar devidamente, pois as evitamos frequentemente, fugimos delas por incapacidade de suportá-las e encará-las. Com essa atitude, precipitadamente julgamos que elas são ruins em si mesmas e nos tornamos cegos ao potencial ético, pedagógico e fortificante da dor e do medo. Esta ignorância tem custado caro à humanidade, visto que a nossa história é, de modo geral, a do controle das massas pelo medo. O livro de Andrei Simões traz uma forte crítica de teor nietzschiano: particularmente, as religiões têm se utilizado dessa estratégia para domesticação dos corpos e adestramento das condutas. Quando a dor passa a valer como objeção à vida, como justificativa para negá-la, busca-se refúgio nas religiões. Seu mote consiste em não envolver-se com a carne (buscar a castidade, mortificar as emoções, repudiar o corpo e cultivar o espírito, praticar o jejum, o celibato etc.), já que ela implica dor, sofrimento, punição, pecado, perdição, castigo. Contudo:

Não existe liberdade em crenças que impõem temor. Não existe felicidade em dores que acreditamos não passar, pois, em essência, desespero é tanto a possibilidade da dor eterna como da sensação de estarmos perdidos em todo contexto universal. (*idem*, p. 161).

Se considerarmos o papel social, político e civilizatório que as religiões desempenharam na história humana, sobretudo na história ocidental, surge, então, uma realidade severa, a de que a vida foi profanada pelo controle religioso e o que chamamos de comportamento social não é um projeto de convivência embasado em mútua confiança, mas um cerco, no qual os tijolos são a subordinação do outro (o desconhecido) por medo da lancinante dor que ele pode vir a me causar. Assim, com a clara influência de Foucault, Andrei Simões faz do medo algo panóptico, presente em cada ação humana cotidiana, como se ele se tornasse a própria visibilidade, o modo de ver as pessoas em nossas líquidas e frágeis relações modernas. A ansiedade, a solidão, a tristeza, o individualismo, a alienação, o ego, o desespero, a paranoia, a ganância, o abuso, o egoísmo, o vício, o abandono, a hipocrisia, a ilusão do amor, o vazio da existência e a omissão são os anjos do medo que simbolizam a monstruosa atrocidade do nosso dia a dia, como se vivêssemos no mundo do medo, do qual

tentamos nos proteger mergulhando em alienação social, religiosa e política, descrendo nos valores humanos.

A consequência é que geramos mais medo e dor, alimentando a frenética lógica do sucesso material e espalhando um intransigente ódio à diferença, ao outro, que ameaça a preservação do meu controle, do meu conforto e da minha segurança. Nesse sentido, contos como “a alma que habita”, “sem face”, “a noiva”, “o espantalho” e “a alma que sussurra da rua dos abandonados” chocam o leitor com o horror de uma normalidade social que declara são aqueles que impõem sofrimento e disseminam o medo por meio do individualismo e da indiferença. No entanto, *Luz* não se limita a ser apenas uma denúncia da nossa modernidade niilista.

Andrei Simões resgata um antigo ensinamento panteísta que trabalha a distinção entre dor e medo. Na figura do deus Hiena, a dor é transfigurada em força. Ela é o caminho para vencer o medo de viver, uma vez que a dor é o elemento que nos liga à natureza, porque sacraliza a carne desde o parto, momento da criação natural. Não obstante, a vida é efêmera e passageira. A dor é a sabedoria do devir, pois ensina que todos os momentos estão sujeitos ao ciclo da geração e destruição, inclusive os ruins e tristes. O medo, por outro lado, “é a sensação da impossibilidade de mudança diante da dor. O medo é acreditar que a dor nunca passará” (*idem*, p. 161). Apesar de panteísta, este é um ensinamento, em certo sentido, antinatural, pois, em nós, humanos, a dor não consegue instruir se não vier acompanhada do medo de sua repetição e prolongamento. Faz parte mesmo de nossa psico-fisiologia animal.

Será possível, então, viver separando os dois? Não saberemos se não tentarmos. Por milênios, as religiões têm trabalhado dor e medo como inseparáveis, de modo que, para fugirmos da dor, temos de temer a carne. Esse afastamento da matéria embrutece nossos sentidos para uma livre, saudável e madura relação com a dor e o medo de viver. Porém, uma questão que o livro deixa em aberto é saber se essa afirmadora sabedoria panteísta seria acessível a todos ou se seria reservada a pessoas seletas, iniciadas em um conhecimento místico. Esta é uma questão urgente a se pensar, pois depositamos toda nossa fé na tecnologia médica e no entretenimento narcotizante para extinguir a dor que nos transtorna diariamente. Estamos à beira de sucumbirmos completamente no abismo do medo... “e o medo que precede

a dor é o verdadeiro alimento do deus da luz” (*idem*, p. 137). Isso nos faz entender a dialética inerente ao título da obra.

Só amamos a luz porque temos medo do escuro. A razão, nossa luz natural, é o verdadeiro deus do horror que nos cerca. Seguindo a *Dialética do Esclarecimento* (1985, p. 17-46) pode-se argumentar que, amadurecida para dissolver o primitivo medo do desconhecido, a razão garante o controle de tudo aquilo que permanece obscuro e, por isso, ameaça nossa preservação: o trabalho alienante e competitivo, a disciplina dos corpos, o monitoramento de certos grupos sociais, convenções sociais, prescrições morais que segregam as pessoas etc. Hoje veneramos a razão como um deus, o deus da luz que se fortifica dos nossos medos. Quanto mais temos medo do outro, do completamente não-eu, ou seja, do desconhecido, mais a razão responde com muito controle, materializado nas sutis dominações políticas e religiosas; na disfarçada exploração econômica; nos artefatos tecnológicos para nossa segurança e nosso conforto; e em ficções conceituais que forjam um sentido para nossas vidas.

Desse modo, em *Luz, o deus do horror*, existe não só o terror causado pelo suspense ou pelo crescente pânico de uma ameaça personificada, mas esse outro terror, mais refinado, mais sinistro, talvez mais medonho porque não passageiro: um terror filosófico, proveniente da confrontação radical com uma ideia. Bons exemplos são os capítulos “o anjo da não-existência”, no qual Jaina experimenta o horror diante da pura ideia do nada, e “O estranho caso da barata branca”, em que Javet vivencia todo o nojo da hipocrisia do antropocentrismo, numa clara apropriação do clássico *A Metaformose*, de Franz Kafka.

Por fim, para além do conteúdo da obra, *Luz, o deus do horror* é o terceiro livro de uma pentalogia que se iniciou com *Putrefação* e continuou com *Zon, o rei do nada*. Como seus antecessores, *Luz* ajuda a consolidar o gênero terror/horror na literatura paraense da melhor maneira possível, mostrando o potencial filosófico e crítico do gênero. Não se trata apenas de um terror que diverte, mas também de um terror que instiga a pensar, afinal, “O horror é sempre um ato de violência que começa decapitando o senso de realidade, o chão que pisamos para tentar manter a sanidade” (*idem*, p. 43).